

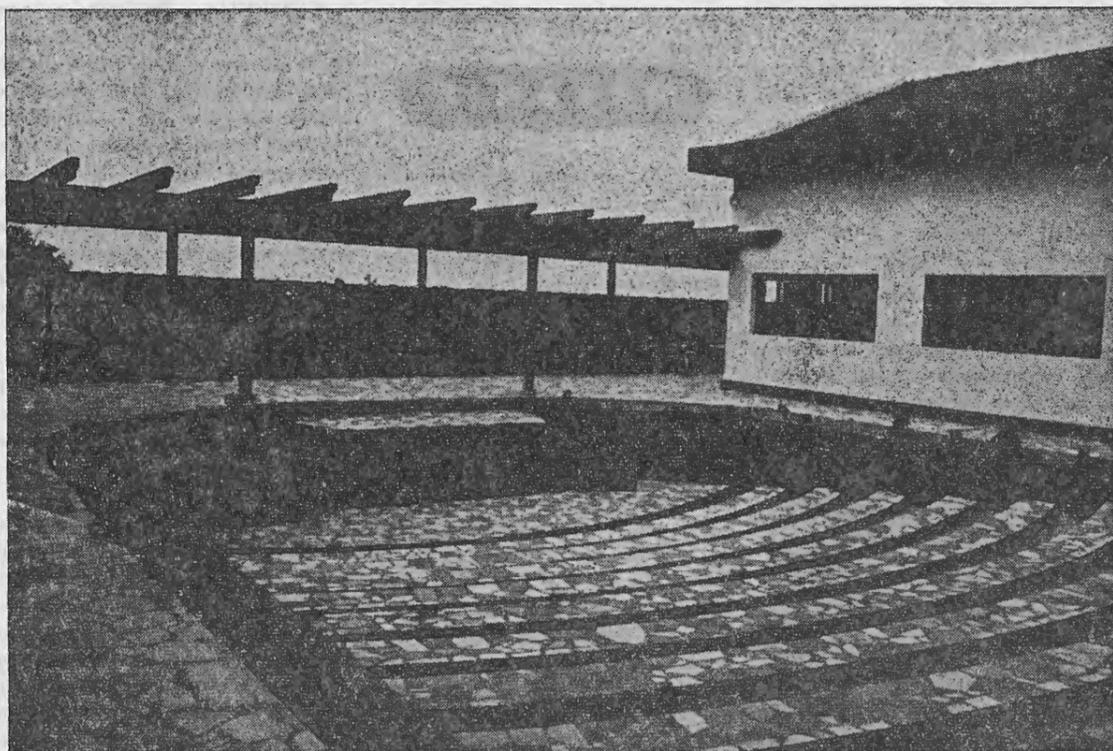


Gaiato

2 DE FEVEREIRO DE 1974

ANO XXX — N.º 780 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



O belo anfiteatro da Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

O problema da HABITAÇÃO

Foi há semanas. Nem sei de quem a voz que se levantou na Assembleia Nacional para dizer o que um recorte de jornal diário sintetiza assim:

«Estou certo que a pressão exercida nos grandes centros onde a carência habitacional é mais sentida, só poderá ser aliviada se a política regional e o ordenamento nacional forem em tempo e em força, capaz de fixar as populações nas suas respectivas regiões.

Tendo em vista tudo o que acabo de dizer e o magnífico espírito do sr. Presidente do Conselho quanto ao estado social do nosso País, atrevo-me, aqui, a sugerir a possibilidade de ser criada uma sociedade nova nas zonas rurais que venha a possuir e ser proprietária da sua habitação individual. Seria o Governo que ofereceria a todas as famílias a sua habitação, através deste diploma, depois de um estudo social e material, em vez de empréstimos onerosos.»

Não vamos dizer que só esta medida chegaria para regionalizar o desenvolvimento económico do País; mas ser-lhe-ia uma preciosa ajuda no sentido da fixação das populações. Claro que é necessário não concentrar mais nas cercanias das maiores cidades as fontes de trabalho, de tantas

Cont. na QUARTA página

A distribuição do livro

«O Barredo»

Temos o prazer de comunicar que principiámos a distribuição pelos C. T. T., da segunda edição do livro «O Barredo» — de Pai Américo — para os 5.000 assinantes da nossa Editorial. Não haja confusões!

● ATENÇÃO

AO POSTAL R. S. F.

Mas o grande lote de 40.000 leitores de «O Gaiato» não incritos — por apatia, esquecimento e o mais — estão ainda tempo. Hoje, em cada exemplar de «O Gaiato», remetemos aos nossos Amigos da Metrópole um pequenino catálogo da nossa Editorial e um postal R. S. F. (reposta sem franquia). Aquel procura dar ao leitor uma sumária visão bibliográfica de Pai Américo; este, é uma forma prática de vencer a inércia, e a característica falta de tempo em nossos dias...

«O Barredo» não interessa ao Porto, ainda que Pai Américo muito sangue com a específica nódoa da cidade Invicta, que lhe dá o título: «A semelhança de Barredos é flagrante — sublinho — tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa, que são estes os que melhor conhecemos».

«O Barredo» não é de estante nem só de mesinha de cabeceira. Mas um revolucionário pacífico luzeiro para pequenas e grandes decisões concretas, práticas. Intressa a toda a gente, especialmente do Porto; na medida das suas responsabilidades — morais, sociais, políticas. É uma vitória das Bem-Aventuranças.

J. M.

Setuibal

Por
Padre Acílio

Eu li há pouco tempo um artigo assinado por Silva Moura intitulado «A tentação do Pão». Citando M. de Oliveira o autor afirma: — «Mais do que dispôr-se (a Igreja) a ir dando de comer, de beber ou de vestir..., é preciso dispor-se a criar um mundo com estruturas tais que seja impossível, definitivamente, o aparecimento generalizado de famintos, de oprimidos, de marginalizados». Concorde em absoluto com a citação feita sublinho que a criação destas estruturas só se pode fazer na criação de homens novos — renovados. Que esta renovação só existe se for de dentro para fora. Não imposta, mas espontânea. E um homem só se renova quando vê um homem novo.

É preciso sermos pobres. Partilhar com os Pobres. Dar a vida aos Pobres para sua promoção. Aproveitar a sua situação para ferir os instalados, mas não sermos de modo nenhum instalados. Ele há por aí tanta gente que fala, mas só fala. É outra forma alienante. Outra tentação.

Bastantes ganham dezenas de contos mensais, fazem uma vida que detestam e esquecem que ao seu lado mora a ignorância, a porcaria, o atraso mental, a imbecilidade, a incapacidade social de crescer, etc. Multiplicam-se os jantares de convívio e de exibição, os cafés de serão, as festas de aniversário, etc., etc. As saídas ao estrangeiro são lugar-comum com motivos facilmente justificados. Os seus familiares andam na moda mais requintada.

Continua na TERCEIRA página

MALANJE

● O nosso Carlitos teve uma infância triste. Veio há dois dias. Reagiu aos carinhos como coisa nova para ele e a não compreender. No terceiro dia veio visitá-lo o pai, que lhe perguntou:

— Ainda me conheces?

— É o senhor Ricardo, respondeu o pequeno.

Desde este momento senti a necessidade de dar carinho ao pequeno e pedir à senhora que fizesse o mesmo.

O Carlitos começou a reagir bem. Deixou de dar guinchos e de dizer palavrões.

«É o senhor Ricardo!...» a quem o filho não sente o impulso de chamar pai...

● Totalmente oposto é o Rangel. Veio porque só tem pai com uma doença contagiosa. Mas era tal o carinho e a ternura que ele sentia e manifestava pelo filho que só passados meses o pequeno se tornou alegre.

Só normas e processos, não bastam. Um amor profundo, que chegue à raiz e vivifique... isso sim.

Senhoras dotadas de um forte amor maternal e capazes de o transmitir à criança! Uma entrega e dedicação totais. Mas onde?

Dá impressão que a corrida atrás do conforto e segurança económica nos entontece a todos a ponto de nos esquecermos de valores mais altos.

Por vezes, nem é. É um netinho que aparece ou crianças dotadas de parentes ou amigos.

E vemos todo um potencial de amor e dedicação canalizado para uma terra fértil enquanto as encostas ressequidas ficam sem nada. Ilusão de realizadas... quando, verdadeiramente, desperdiçam os dons que o Senhor lhes deu.

Padre Telmo Ferraz

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

ESTUDO — Recomeçaram as aulas. Depois de um período muito activo, em que alguns alunos, e mesmo os professores, se conheceram pela primeira vez, estes tiveram de pôr em prática uma harmonização total, para que haja disciplina e um ambiente escolar normal.

A Escola Primária requer cuidado especial, como ensino básico. O aluno precisa de um mínimo de preparação...

É muito claro o mapa das notas do 1.º período da Telescola. Quase todos, felizmente, com boa classificação, embora haja pequenas diferenças.

Na Tipografia, as aulas tecnológicas continuam a merecer o interesse geral. São uma grande oportunidade para qualquer profissional de Artes Gráficas, atendendo às exigências do tempo actual. Houve aplicação no estudo, excepto em um ou outro caso — os que entraram há pouco para a oficina.

O Liceu é uma grande possibilidade para todos os que têm condições para continuar os estudos. Ao longo do período passado, esforçaram-se pouco os estudantes; mas nos períodos seguintes terão de se aplicar...

REUNIÃO — Há dias, os maiores de 16 anos tiveram uma reunião com o sr. Padre Carlos, numa sala das escolas. Ele expôs-nos vários problemas que não se harmonizam com a disciplina da Comunidade. Em resumo: o sr. Padre Carlos disse que «vamos começar a entrar numa época de sinceridade, de produtividade, de austeridade». Compreendemos.

LIVRO «O BARREDO» — Está prestes a chegar às vossas mãos, às mãos dos nossos Leitores, o glorioso livro «O Barredo», da autoria de Pai Américo.

É um livro interessante, em que Pai Américo narra os seus encontros com os Pobres da região do Barredo e doutros pontos do País.

A capa da obra, colorida, mostra imagens daquela zona do Porto.

TEMPOS LIVRES — Há tempos, referimo-nos à «Campanha dos Tempos Livres». Foram poucas as pessoas que nos atenderam! Mesmo assim, cada um procura ocupar as suas horas de descanso como pode e sabe. Sempre que posso, vejo no parque um grupo dos mais miúdos a fazer corridas ao campo de futebol; ir e vir. É uma boa preparação física. E se isto continua teremos bons atletas!

Os maiores têm a sua sala, onde há jogos, televisão, etc. Mas, não contentes com isto, resolveram colocar uma mesa de «ping-pong» numa das salas onde residem. Tem havido jogos com bastante sucesso! Alguns procuram o seu mais terrível adversário para se defrontarem.

O resto da malta prefere jogar à bola, pião etc.

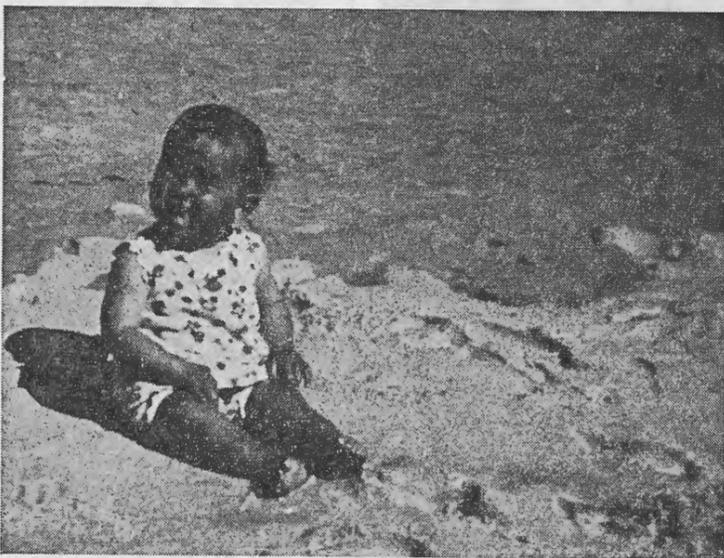
OBRAS — Os nossos construtores civis têm tanta coisa para fazer! E já não bastam as obras novas; têm que andar, agora, a pôr retretes novas, algumas quebradas pelos nossos visitantes. Parece impossível!

PEDIDOS — Já me custa fazer pedidos no nosso Jornal! Ainda há tempos solicitei instrumentos musicais, mas ninguém nos atendeu! Não queria que fosse um só Leitor a oferecer-nos o conjunto inteiro; isso não. Há tantos Leitores do nosso Jornal! Quem nos dá apoio?

Eu também pratico num instrumento. Por isso, não me deixem ficar mal.

Aguardo a vossa resposta. Muito obrigado.

João Paulo Mendão



Mais uma neta da Obra da Rua: é a filha do Alberto Ramada, que reside em Cacía.

BENGUELA

NATAL — A festa do Natal de 1973 foi uma das mais lindas que até hoje conheci em nossa Casa. E é com todo o prazer que a vou descrever.

Os momentos que antecederam a Festa foram momentos de grande agitação e de angústia por parte da nossa camada mais nova, pois só pensavam nos brinquedos que o «Pai-Natal» lhes iria oferecer.

Quando a nós, tínhamos que trabalhar. Pois tínhamos de enfeitar o nosso refeitório, a árvore de Natal, montar o presépio (e até representá-lo vivo), ensaiar as diversas variedades que tínhamos de representar na Noite de Natal; ensaiar as músicas de Natal para a Missa e música para preencher a Noite de Natal. Quanto à cozinha era preciso fazer de tudo para uma festa de Natal como a nossa, que acalenta uma Comunidade muito numerosa, pois, além de nós, vinham também muitos dos nossos rapazes que se encontram já casados e que queriam recordar os seus belos tempos.

Nos nossos preparativos fomos ajudados por gente de fora que nos ofereceu muitas coisas. Entre elas, brinquedos para a camada mais miúda, em especial para os nossos «Batatinhas».

Finalmente chegou «o grande dia», esperado por todos nós.

A parte de manhã foi ocupada com os últimos retoques e ensaios. A tarde foi para descansarmos, porque a Missa seria à meia-noite, e muitos de nós, em especial os «Batatinhas», não estão habituados a deitar-se muito tarde.

O tempo fugia e logo chegou a hora da nossa ceia. Nela tomaram parte algumas pessoas amigas, que moram muito perto de nós e a que nos sentimos muito chegados. Antes de nos sentarmos, rezámos pelos grandes problemas: a fome que aflige o mundo, as guerras, os nossos irmãos ausentes e todos quantos sofrem. A ceia decorreu com a maior alegria possível.

No final da ceia fomos para o Salão de Festas que já se encontra quase pronto, para ocuparmos as horas que antecediam a «Missa do galo» com o nosso programa de variedade.

des. O nosso Salão estava repleto de gente.

Primeiro foi a apresentação do nosso conjunto que se está a formar e que nos animou durante muito tempo com a sua música, que foi acolhida com os maiores aplausos. Aqui abro um parêntesis e faço um apelo a todos quantos forem capazes de nos ajudar neste aspecto; que o façam, pois os nossos instrumentos são precários e desta maneira não podemos ir muito longe, mas para ensaiarmos os primeiros passos servem, mas... depois!?

Em seguida representaram-se as variedades, muitas das quais faziam alusão ao Natal, algumas delas tão cómicas, tão cómicas, que faziam morrer de rir o homem mais insensível do mundo. Finalmente veio «o prato forte da noite», a representação viva do Presépio feito pelos nossos rapazes, intercalando-se os mais velhos com os mais novos, os «Batatinhas», que tinham a seu cargo a representação dos pastores, ovelhas e do Menino Jesus. Todos seguiram bem atentos esta representação, pois não queriam perder nenhum detalhe.

Quando terminou esta representação muitos choraram e houve até quem pedisse «bis», mas não podíamos repeti-la porque já estávamos sobre a hora. Eu também fazia parte da representação e emocionei-me tanto com o meu papel, que no final do acto duas gotinhas teimosas caíram-me nas vestes. Chorava simples-

mente, chorava lágrimas de felicidade. Depois encaminhámo-nos para a nossa capela. Via-se claramente o sorriso de felicidade que ia nos lábios de todos quantos a este acto tinham assistido. Quanto a mim, não encontrava outra palavra para classificá-lo senão: simplesmente fantástico.

Santos Silva

MALANJE

NATAL — Como de costume a nossa festa de Natal foi alegre.

Foi sensacional a ânsia do aproximar do Natal. O chegar dos amigos com algumas prendas que iam oferecendo. O fazer do presépio. O fazer das rabanadas. O embrulhar das prendas. Sem dúvida que todo este trabalho foi cansativo, mas feito com gosto e trouxe-nos um Natal feliz. Na véspera tivemos as batatas do costume acompanhadas da gasosa dos pequenitos e da cerveja dos maiores, vindo por fim as rabanadas. O dia 25 começou com a Missa da meia-noite acompanhada pelo nosso conjunto musical e pelo nosso coro de vozes. A seguir à Missa, foi feita a distribuição das prendas, oferecidas pelos amigos. Tivemos «Pai-Natal», o senhor Fonseca. Depois da distribuição das prendas via-se a alegria na face de toda a rapaziada. Deitámo-nos eram duas da manhã. De manhã cedo já se ouvia o barulho dos brinquedos movimentados pelos pequenitos que brincavam.

Os brinquedos durante todo o dia foram movimentados, desmontados, voltados a montar, abertos, fechados; um dia alegre.

Ainda não se passaram quinze dias e já se não vê ninguém com os brinquedos que lhes foram distribuídos; andam com as trotinetes que eles fizeram! A criança prefere o que é feito por ela; o que é feito na fábrica, para ela, tem pouco valor. Toda a criança gosta de construir as suas brincadeiras. A prenda de Natal é estragada mais depressa, pois não lhe deu trabalho a construir; trabalho que fazia a criança perder tempo e ganhar amor ao brinquedo.

VIDA ESCOLAR — Somos actualmente oitenta e cinco rapazes. Começaram a estudar, no princípio do ano: seis no Liceu, quatro na Escola Técnica, quinze no Ciclo Preparatório e quase todos os restantes na Escola Primária.

Fomos ver as notas do primeiro período, depois do Natal, pois não se podia juntar a alegria e a tristeza.

Houve três dos estudantes que tiraram mais do que três oitos, e ficaram em Casa como lhes tínhamos prometido. É difícil cumprir estas decisões, mas teve que ser. O prejuízo assim é menor do que se todos continuassem na mesma; haveria o desleixo dos outros e mais reprovações. Dos três, dois trabalham na nossa carpintaria e um no campo.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — É lindo ir à nossa carpintaria e ouvir as nossas máquinas a trabalhar. Sabemos que as oficinas da nossa Casa são escola. Hoje, que tudo estuda, é necessário quem saiba de artes. A indústria é que tem de se desenvolver a par da cultura. Não

ficar no meio-termo. Era óptimo que a nossa serralharia e as restantes oficinas, que tencionamos ter em Casa, tivessem condições para poder funcionar. Temos rapazes a atrasar o seu futuro. Ajudem-nos com máquinas de serralharia!

DESPORTO — No futebol de onze a nossa equipa entrou no quadrangular já mencionado, noutro Jornal, pelo Camacho II e ficou em último classificado. Nos jogos Corporativos a nossa equipa de futebol de salão ficou como segunda classificada. Depois disso já fizemos outro quadrangular e ficámos novamente em segundos, mas com a vantagem de ter ganho ao primeiro classificado dos Corporativos que ficaram abaixo de nós na classificação final.

O último quadrangular que fizemos foi para angariar fundos para a construção do nosso parque de jogos; mas os cinco mil escudos que nos deu não chegam para nada. Amigos: continui a contribuir!

Temos em Casa bons atletas. Na noite de S. Silvestre, em Malanje, dos cinquenta e três atletas que participaram na prova, o quinto, décimo, décimo segundo, vigésimo sexto, vigésimo sétimo e vigésimo oitavo lugares foram de elementos da nossa Casa. E só o que ficou em quinto lugar tinha idade superior a dezasseis anos; os restantes, entre catorze e dezasseis anos.

NOVOS ASSINANTES DE «O GAIATO» — Fui em vésperas de Natal a Salazar arranjar assinantes para o nosso Jornal. Arranjei bastantes; à volta de noventa!

Dos onze aos dezasseis anos fui vendedor na cidade de Salazar. Os habitantes daquela cidade sempre me atenderam com carinho. Agora, é-nos difícil fazer esta viagem todos os quinze dias. Por isso, temos de arranjar assinantes. A cidade de Salazar é, actualmente, a cidade do norte de Angola, depois de Luanda, a que tem mais assinantes; ao todo duzentos e trinta e cinco. Obrigado a todos. Um abraço amigo do ex-vendedor de «O Gaiato».

Joaquim Carlos Fernandes

CALVÁRIO

DIFICULDADES — Os nossos antepassados também as tiveram... Por mais evolução na técnica, nos hábitos e em todos os sectores da vida humana, terá de haver dificuldades. Não basta apregoar esta ou aquela solução. Há-de haver ideias e processos para combater os males. Mas não se pode ficar por aí. Terá de existir algo de construtivo. Nós pensamos muitas vezes porque é que determinadas pessoas não se adaptam aos meios aonde são integradas por esta ou por aquela razão. Falta de estruturação? Estou convencido que nem sempre. A não aceitação dos defeitos de cada um? Em muitos casos, sim. Falta de ajuda? Também. Então que mais? Sente-se a sociedade a caminhar rapidamente... Como nas grandes corridas desportivas,



quem tem pernas é que avança. Nem todos ganham. Mas avançam. E os que não têm «pernas»... que será deles? Serão considerados o quê e como?

Pensamos tanto em nossas dificuldades! Quantos casos têm passado por aqui e dado trabalhos, arrelias e até desgostos! E tudo pelas dificuldades das várias situações — as mais incríveis — em que os Doentes viviam: amargurados, uns; abandonados, outros; e ainda explorados, tantos! Por necessidade, egoísmo e cansaço... o Calvário — ao longo de mais de uma dezena de anos (quase duas) — tem sido procurado como solução. As dificuldades acabam? De modo algum! É mais cômoda a situação higiénica e até noutros sentidos? Talvez. E dizemos talvez porque nem sempre aquele ou aquela Doente querem desfrutar do bem que aqui encontraram! Por isso é que perguntamos, a nós próprios, o porquê da saída de um que vivera no vão de uma escada, o leito tapado por uma cortina; outro que vagueava na pedincha pelas ruas e mercados, num carro de madeira, por dificuldade em andar; e tantos casos mais!... Sem casa para viver, tinha a possibilidade de ver satisfeitos os desejos de alívio dos seus padecimentos — sem tratamentos especiais. Mas nem por isso as dificuldades passadas o levavam a aceitar a cama lavada, comida a horas certas, etc. Por isso, não sabemos para onde foi. De outro soube, há pouco tempo, que se encontrava num hospital devido a complicações motivadas por aquilo que aqui não tinha — porque no Calvário até já nem precisava de andar de cadeira de rodas, embora caminhasse com dificuldade, mãos apoiadas nos joelhos... E podíamos concretizar mais; mas ficamos por aqui.

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Os nossos leitores continuam a colaborar na acção com muito interesse. Graças a Deus!

Abre o assinante 30068, de Braga, com 100\$00. Seguem as *gotinhas*, sacrificadas, amigas, de Torres Vedras. O costume da rua Alexandreerculano, Lisboa. Idem, do Bairro Municipal Presidente Carmona. Ainda de Lisboa, o dobro: cota de Novembro e auxílio para «o trabalhador rural de 67 anos». Alto! Leiria manda «uma migalhinha» recomendando aos Pobres que «peçam ao Senhor que me faça mansa e humilde do coração».

De Torres Novas dizem: «Não estava de forma alguma esquecida. No entanto, passou um mês sem dar notícias». Mais adiante sublinha: «É sempre uma dificuldade tirar de um ordenado pequeno a quantia que tanto gostava de vos mandar...».

Mais 100\$00 de assinante 6433. Metade de Médico amigo. Mais 100\$ «para entregar conforme melhor entenderem». Caridade perfeita! Idem, de Lousada, por «uma graça recebida». O dobro da Covilhã, vale expedido de Lisboa. Idem, Lourenço Marques. Idem, Cebolais de Cima.

Mais 50\$00 de Cabeceiras de Basto; um cliente da nossa Tipografia. Idem do nosso amigo Rufino — que foi da nossa Casa de Paço de Sousa. Toma lá outro xi do coração! «Migalhas de 50\$00», do Reitor de um Liceu lisboeta. Idem, assinante 18670. «Uma Alentejana» — letra muito nossa conhecida — com 250\$00. Caracelas 50\$00 e «agradeço pedir ao Pobre uma oração por uma Doente». «Assinante do Seixal»: «Com toda



SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

Os filhos recebem as melhores surpresas. Outros metem-se em negócios de prédios, de terrenos, de acções, etc., aguardando que as estruturas resolvam o problema do homem. É necessário mudar as estruturas. É sim senhor. Muitas são erradas e contra o homem. Mas para isso é preciso primeiro que as nossas estruturas sejam novas e humanas. Jesus pregou novas estruturas mas primeiro viveu-as. Muitos nos julgam uma Obra de Assistência. Não somos. Somos Obra apostólica.

Os Empregados da S. A. P. E. C. inauguraram a campanha de Natal na Casa do Gaiato com um vale de 3.600\$00. Os Operários da Secil, algumas secções, 4.528\$50. Estes últimos tiveram pela primeira vez o décimo terceiro mês. Vivam os Operários! Rodeiam-nos de carinho. Eles sentem que a vida é dura! A S. A. P. E. C. deposita na nossa conta-corrente dez mil escudos todos os anos nesta altura. A Secil dá-nos pedra em bruto. E as outras grandes empresas instaladas em Setúbal? Quase todas nos ignoram!

A senhora dos Fantoques de Lisboa com um vale de 400\$00; mais Lisboa, da Fábrica Nacional de Margarina, 1.340\$00. O Grupo «Pai Nosso» do Pinhal Novo, mil. Mais 500\$00 e mais 150\$00 e uma mobília da Cova da Piedade. Vinte na minha mão e mais mil deixados no Lar. Da Praça de Londres um cheque de três contos; de uma Viúva pobre 200\$00; 170\$00 não sei de onde; mais 50\$00 e mais 50\$00; 500\$00 dum engenheiro de Lisboa. Os Empregados do B. N. U., 540\$00. Todos os meses se lembram de nós. Deve haver ali alguém que apita. Os

a amizade para quem teve menos oportunidade, 1.000\$00 (mais um bocadinho, é do Natal). Valente! Gondomar também não falta! Ouçam: «Eu e ela não poderíamos festejar o nosso Natal sem irmos ao vosso encontro, com a nossa humilde oferta, a fim de que o Natal dos nossos Irmãos pobres possa ser celebrado com um pouco mais de abundância e de alegria em Cristo.

Com esta oferta pretendemos também sufragar as almas dos nossos familiares falecidos, especialmente dos nossos Pais e Irmãos.»

Umás pantufas de lã, de algures. E uma consoada, tão simpática!, do Entroncamento:

«A Paz de Cristo esteja convosco! Pelo correio de hoje seguiu a roupa para os pequenos de que mandei pedir as idades. Foi o que consegui fazer, bem ou mal, em tão pouco espaço de tempo. O que foi feito — pode-se dizer a correr — foi-o cheio de amor.

Vão uns chocalinhos dentro para lhes dar...»

Ó beleza! Tudo tão rico, que os pais e as crianças rejubilaram.

Para todos um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

Empregados dos outros Bancos em Setúbal esquecem-nos! Envelope da esposa de um amigo, cem. No Lar, mais 200\$00 e mais 500\$00 de um casal para o Natal. Mais 300\$00 e mais 2.500\$00 de várias fontes, também deixados no Lar. Da Escola dos Pinheirinhos, cem; de outra escola de emigrantes na Alemanha, 1.950\$30. De Queluz 200\$00; de Alcochete, 100\$00. Fábrica Melka, mil. Duma drogaria, 200\$00. Um Reitor dum liceu, 500\$00. Senhora da Quinta do Anjo, 1.500\$00. Algumas secções da Caixa de Previdência, 1.613\$30. Das Juntas de Freguesia de Setúbal, mil mais mil de Sta. Maria e S. Julião; 500\$00 da Anunciada e 4.000\$00 de S. Sebastião. Uma amiga e um cheque de 500\$. Dum amigo de todos os Natais, dez mil. Outro no fim das festas a mesma quantia e ainda outro tanto de duas senhoras idosas. Senhora de Lisboa de todos os meses, 200\$00, mais 20\$00 também todos os meses para um bije do Carlos Alberto. Cem, mais cem de dois Maneis e mais 300\$00 por intenção de familiares. De Casais Amigos: cinco mil, mais quinhentos, mais mil. Mais cinco mil de outro amigo entregues na minha mão; mais cem. Pedindo orações por Teodoro e Victor Manuel,

560\$00; pela filha, mil. De Isilda cem, mais 500\$ e mais 200\$. Renúncia de uma criança: 20\$. Por alma dos familiares da Maria e do António, 150\$00. Mais 500\$00 e mais mil. Um casal jovem entregou-me no Lar 3.000\$. Amigas do Rogério, cem. Outra Viúva, cheque de dois mil. Um engenheiro, três mil; um Fernando, mil; uma Floripes, 120\$; uma Rosete, 600\$00; um Agostinho, 300\$00; uma Isabel, cem. Grémio dos Industriais do Arroz, 500\$00. Um senhor algarvio, mil e ceiras de figos. Paulinha, cem. Ofertório de uma Missa no Zambujal, 1.346\$60. Jovens de Azeitão: uma festa, merenda e

7.400\$00. Outra Viúva, cinco mil. Mil de outro amigo presente em todos os Natais; 1.500\$00 de uma promessa. Cem, mais cem e mais cem. Outra promessa: quinhentos. Da Sãozinha e do noivo, 350\$00. De Irisalda, mil; outro tanto de Raposo; Margarida, cem; Teodolinda, quinhentos; Manuel Andrade, 250\$00; três senhoras, 150\$00; Joaquim Albano, 400\$00. De um arquiteto, 1.200\$00. Dum médico e doutro amigo, 3.000\$00. Mais donativos deixados no Lar: 150\$, mais 1.817\$50. Um vale 1.000\$. Banco Pinto e Sotto Mayor, 250\$. Banco de Angola, quinhentos. E os outros Bancos? Um emigrante na Alemanha, 475\$50. Entrege no Montepio de Lisboa, 1.250\$00. Trazido por Padre Carlos, dois mil. Outra Viúva, 3.000\$00. Posto na minha mão: cem, mais cem, mais 50\$00. De Lisboa, Eiras, cem. De outro casal amigo de Lisboa um cheque de cinco mil.

Reflectindo

O Mundo parece atravessar uma onda de insegurança. Em todos os comentários, sobre a situação política e económica do mundo, transparecem preocupações e dúvidas. Creio ser este um momento propício

para os homens tomarem consciência da sua fragilidade, da sua dependência profunda dos mais diversos factores.

Olhando a vida em si mesma seríamos levados a dizer: «Pobre Homem» porta em si necessidades de absoluto, de segurança de amor e ultrapassa a vida acompanhado de incertezas, riscos e lutas.

Mas a vida do homem não se limita a esta passagem sobre a terra. E é bom que aprendamos a incarnar a grandeza da condição humana, consciencializando a vida como uma caminhada para Deus. Caminhada enquadrada no espaço e no tempo, sujeita a todas as relatividades da vida, mas que deve ser desde já um movimento na procura dos valores autênticos, de uma real comunhão com Deus e com os irmãos.

Pois olhemos a vida, para além da sua aparência, procurando descortinar no meio da confusão os sinais capazes de nos darem uma visão mais real das nossas potencialidades, das nossas possibilidades de uma vida mais feliz, apoiada na segurança do amor de Deus.

O homem define-se pelo que dá e pelo que recebe. Esta realidade diz-nos que devemos ter em conta uma necessidade de aperfeiçoamento interior, que nos aumente a capacidade de dar (ninguém dá o que não tem) e a sensibilidade no receber.

Ora não há enriquecimento interior bem dirigido sem que partamos da nossa própria verdade e a verdade é que o ho-

Continua na QUARTA página

RETALHOS DE VIDA



O «Morgado»

Sou natural de Miragaia — Porto, onde nasci a 15 de Março de 1960.

Meu pai faleceu ainda muito novo deixando-me a mim com 7 anos e a outro meu irmão com 5. Minha mãe e eu vivíamos num barraco já velho, há cerca de 6 anos, para os lados do Bonfim. Nesse tempo não fazia outra coisa senão ir à escola e brincar. As minhas brincadeiras eram estas: andar às escondidas, jogar à bola, andar aos índios, artistas e bandidos, etc...

Passados anos a Câmara Municipal do Porto resolveu transferir-nos para o Bairro Cerco do Porto, dando-nos casa por 3 meses. Nesses três meses minha mãe tentou arranjar casa para vivermos, mas o prazo terminou sem a conseguir. Ficámos sem casa! No outro dia, eu e o meu irmão fomos viver para a Casa dos Pobres no Porto. Quando lá chegámos, achámos tudo estranho, pois não conhecíamos ninguém e por isso não brincávamos nem falávamos com ninguém.

Passados três meses já tinha convivência com os meus colegas e ia para a escola todo contente. Nesta Casa não me sentia muito bem. Via a carrinha do Gaiato ir lá buscar rapazes e tinha o azar de nunca me calhar essa sorte! Felizmente, no mês de Dezembro tive essa sorte. Vim para a Casa do Gaiato, onde resido há cerca de 14 meses e cá me encontro bem.

No dia 20 deste mesmo mês soube que a minha mãe se encontrava muito mal, mesmo às portas da morte. Fui visitá-la e pensei para comigo: — Ela não durará mais uma semana. E assim foi infelizmente. No dia 22 minha mãe faleceu no Hospital de Santo António. Fui ao seu enterro. E, assim, fiquei sem pai nem mãe. Quando minha mãe faleceu, frequentava a 4.ª classe; completei-a o ano passado. Este ano frequento o 1.º ano. Quando for grande, o meu desejo é ser electricista, porque gosto de fazer reparações, etc.

E pronto meus amigos. Aqui está, em resumo, a história da minha vida. Um abraço para os nossos leitores deste vosso amigo,

Manuel Jorge da Conceição («Morgado»)



Página 3

2/2/74

O problema da habitação

Cont. da PRIMEIRA página

que aí se tem aberto. Que é indispensável disseminar pelo interior as actividades fabris cuja natureza não exija o seu estabelecimento no litoral. E, como corolário, levar a essas regiões energia, vias de comunicação, transportes, afluxo de Povo — que facilitem e valorizem a própria agricultura e tornem mais razoável e económica a cobertura escolar em vários níveis que tão esforçadamente se vai operando.

Tudo isto está dito e redito e me parece tão evidente que

REFLECTINDO

Cont. da QUARTA página

mem é um ser fraco, necessitado, que não tem segura a sua saúde, que pode perder de um momento para o outro os seus bens materiais, ou qualquer outro aspecto da sua felicidade humana. Esta situação dever-nos-ia ajudar a não nos entricheirarmos atrás dos nossos valores, mas senti-los em comunhão com os outros homens, porque o nosso ter não é um ter absoluto, mas deverá ser um ter de serviço. Todo o enriquecimento interior será assim um desenvolvimento da nossa própria pessoa e ao mesmo tempo uma aprendizagem de comunicação com os outros.

Pois ninguém pense abrir o seu ser à vida, ultrapassar o seu próprio egoísmo, sem aceitar de antemão um esforço de purificação, sem uma ascensão lúcida e construtiva através da qual se vá procurando chegar às raízes mais profundas do seu ser, aí onde Deus fala tão claramente. E quanto mais O ouvimos mais forças teremos para O seguir.

E segui-LO é ser construtor de Paz.

É procurar ser bálsamo para as dores dos nossos irmãos. É utilizar a nossa inteligência na procura do bem.

É estar atento para descortinar as formas de abrir o nosso coração.

É sofrer como os outros e ser feliz com eles.

É procurar a Luz e segui-La, certo de que Deus prometeu Paz a todos os homens de boa vontade.

Abel



pensávamos: como a casa própria, de tão desejada, prende a Família à terra; e a une e a enriquece de valores morais, ao longo do trabalho empreendido e das penas sofridas e da solidariedade recebida para a levantar.

Neste recém-findo 1973 passaram por nossas mãos 355 contos que, distribuídos em «Pequenos Auxílios» de 1500\$00 e 2000\$00 a título da telha — na fase final, pois, da construção — permitiram a 208 Famílias concluir e entrar no gozo daquilo que é seu, regado com o seu suor e sangue e a ajuda fraterna de tantos conhecidos e ignorados.

Estes «Pequenos Auxílios» só no seu valor moral, na sua capacidade de estímulo, na sua demonstração do amor fraterno posto em acto — só nisso eles são grandes. Que bom se pudéssemos tomar efectivamente à nossa conta o telhado, que não apenas a telha, e esta, mesma, já num valor mais simbólico que real!

Que serviço a Bem da Nação não teria prestado aquele tostão pelos impressos do Totobola — ideia há anos levantada e que tanto movimentou a opinião daqueles que verdadeiramente se interessam pelos problemas dos Irmãos — se os representantes das pequenas Misericórdias não tivessem anulado com a pequenez de medos infundados o entusiasmo dos então Ministros da Assistência e Provedores das Misericórdias de Lisboa e Porto!

Agora levanta-se a voz deste Deputado. Estamos com ele. Não dizemos que «o Governo ofereça a todas as Famílias a sua habitação». Mas que varra decidido todos os estorvos burocráticos e fiscais que empata e fazem desanimar. Que facilite técnica e financeiramente. E, mesmo, que ajude com um subsídio irreversível proporcionado às dificuldades de cada Família. Isso sim — até para dar o exemplo e por ele se preparar para uma GRANDE lei, posta na rua sem medo, que acabe de uma vez para sempre com a simonimia **contra-natura**, entre Habitação e negócio da China!

tenho até certo pudor em repeti-lo!

Mas a casa própria está tão no cerne das aspirações do homem que, consegui-la, lá onde os preços do terreno não foram ainda tomados pela loucura que se verifica nos grandes centros, é meta suficientemente aliciante para os prender à sua terra, desde que, quanto aos outros recursos fundamentais, os possam achar por ali perto.

Esta tese foi sempre a nossa ainda Pai Américo vivia cá, ainda a emigração não era facto social a impôr-se às atenções gerais, porque fenómeno essencialmente interno em direcção a Lisboa e Porto e àqueles países sul e centro-americanos já tradicionais e pouco, demasiadamente pouco, para o nosso Ultramar.

A torrente emigratória no sentido da Europa viria confirmá-la, evidenciando o interesse prioritário da nossa gente que, vivendo embora por lá sabe Deus como, se apressa em investir as suas economias na construção de uma casinha própria na terra natal — quantos (quem sabe...) com o risco de nunca virem a gozá-la. E assim, em zonas desertas de homens na idade válida, é ver a quantidade de moradias novas e boas que vão sendo erguidas — o que tem o sabor paradoxal de um povoamento em casas na razão directa do despovoamento em pessoas!

Por outro lado também a evolução dentro do Património dos Pobres — da casa erguida para assistir o Indigente, para a Auto-Construção promovida pelo próprio Pobre, pobre sim, mas capaz de algum esforço em favor de si mesmo — nos veio demonstrar o acerto do que

Festas

● COLISEU: 14 DE MARÇO

Como dissemos o ano derradeiro, as zonas Norte e Centro (as mais festeiras em extensão!) decidiram que tomariam sobre si fazer Festa ano sim-ano não e garantiam à outra a presença anual dos Gaiatos na sua cidade capital. Assim: um ano irão os do Norte a Coimbra; o outro vêm os do Centro ao Porto. É o que vai acontecer já este ano. Na 5.ª feira, 14 de Março, estaremos todos no Coliseu do Porto, para o indispensável e desejado bate-papo. No palco os Rapazes de Miranda do Corvo e Lar de Coimbra e em volta deles todos nós — Família de dentro e de fora — a fechar o círculo de encantamento de que a amizade é o tempêro e a explicação.

No próximo Jornal esperamos poder dar mais notícias, já que esta é um pouco da última hora.

CONTAS

● do Jornal e da Editorial

Aquele pequenino apontamento, inserido na edição de 22 de Dezembro, é lume que chispa! «Deu muito resultado» — comenta o Avelino. Tanto, que «Eusébio» já houve que largar outros serviços urgentes para lançar no livro Caixa numerosos grupos de quantos se desobrigaram; os tais «off-side»...

A procissão vai aumentar; com certeza. É necessário que aumente! Porque, repetimos, em cada 100 assinantes há 60 que sim e 40 que ainda se não desobrigaram do compromisso da assinatura do Jornal ou da Editorial.

Em determinadas épocas, ao longo da história do «Famoso», estes números são muito aproximados. E compreende-se — atendendo à natureza específica do «O Gaiato»: não é empresa capitalista, mas um acto de fé; só faz cobrança a quem a exige; não suspende a remessa do Jornal por atraso de contas, etc. etc. Daí, termos gente silenciosa há mais de 10 anos!! Como este Amigo, do Alto Douro:

«Em devido tempo recebi um postal alertando-me que estava atrasado no pagamento da minha assinatura do «Famoso» há talvez já uma dúzia de anos ou mais. Quero continuar. E, apesar do meu atraso no pagamento, nunca me faltou o periódico que, apesar também da minha vida de muitos afazeres, não deixo de ler, por vezes aos poucos antes de adormecer, algumas vezes já de madrugada. É leitura para todas as horas; mas quando lida neste silêncio e já saturado pelo trabalho é mais apreciada...»

Ó carta!

Apetece-nos ficar por aqui. Parar. E dar graças a Deus. Mas, por amor da justiça, como seria bom que outros, em idênticas circunstâncias, acordassem também! «O Gaiato» não é só de 60% dos assinantes — mas de todos...

Júlio Mendes

TRIBUNA de Coimbra

É assim todos os anos, mas este ainda mais o sentimos. O Natal traz-nos sempre grandes presentes. O melhor e o mais saboroso foi a presença de muitos que criámos e que agora já criam filhos da idade dos nossos. O que eles nos trazem! O que eles nos dizem! O que eles nos entendem! O que eles nos amam! Sentimos sempre saldada a dívida de gratidão.

O Vitinho e o Israel (Castanheira), casados de muito fresquinho, vieram com suas mulheres. Foi o dia todo cheio. Leça com a esposa e filha tinham vindo na véspera trazer o café. Humberto, como sempre, mandou fazer bolq-rei maior que roda de carro de bois e entrou na garrafeira de sua mercearia. João Martelo não esqueceu seu caixote cheio de bolos-rei.

Vieram o Agostinho da Ale-mânia, o Elísio da França, o Fernando (Palhinhas) do Porto, o António (Castelinho) de Castelo Branco, o Fernando e Manel Zé de Lisboa.

Veio também o Rui com mulher e filho. Já há muito os não víamos. Vivem bem. Vieram no seu carrinho. O Rui tinha oito meses quando Pai Américo o trouxe embrulhado na capa. A mãe faleceu e o pai já então era paralítico. O Rui, que custou muito a criar,

hoje é chefe na casa onde trabalha.

Veio o António José com mulher e filha e os sogros. Na cédula era só José António, filho de pais incógnitos. Uns tios perfilharam-no e educaram-no desde que safu de nossa Casa. Gostei tanto, tanto de o ver!

Veio o Manelzito (Cigano) com a família. Foi o mais pequenino que cá encontrei. Recordamos sempre tantas coisas agradáveis e desagradáveis.

O Carlitos com a mulher e as duas filhinhas não podiam faltar. Elas foram nossas companheiras na apanha da azeitona. O Manelzito, casado há pouco, também veio com a mulher. Nós não podíamos faltar. Apareceu o Machado com toda a família, incluindo a Esposa e filho do Joaquim, que Deus levou. Pelas muitas mensagens sentimos presentes os ausentes.

Todos falaram numa inquietação que os domina: encontrarem-se um dia todos na Casa que lhes foi mãe. Nós apoiamos. Não podíamos deixar de apoiar.

Cada vez ficamos mais certos que estamos no caminho. O Padrão é o da Família de Nazaré. Ninguém nos pergunte o que é que nós somos. Nós somos uma Família onde há Natal.

Padre Horácio